

Nélio Pita

**CARTOGRAFIA
DO ENCONTRO**

Introdução à vida de oração



À PROCURA

É ainda escuro quando percorro os trezentos metros que separam a casa paroquial da pequena capela da comunidade. A intensa neblina, nas manhãs de outono e inverno, impede-me de reconhecer os vultos no fundo da rua. Na estrada molhada jazem folhas amarelas, vermelhas e castanhas, as mesmas que há um mês, de tons esverdeados, ofereciam uma generosa sombra neste percurso.

A cidade está desperta. Ao longe, ouve-se o rugir ininterrupto da passagem rápida dos carros e, a cada cinco minutos, o descolar estrondoso de um avião. Atravesso a estrada, abrindo um caminho no meio do nevoeiro, acompanhado pelo ruído. Para entrar no prédio da comunidade, tenho de passar por várias portas que se assemelham a uma fronteira que divide dois mundos. As diversas chaves são como documentos que, aqui e ali, tenho de apresentar, nos sucessivos controlos, para aceder ao novo espaço.

O frio e a escuridão das manhãs são argumentos que uma parte de mim esgrime, logo ao despertar, para ficar

em casa e não participar na oração comunitária. Por vezes tudo é fácil e espontâneo. Outras, pelo contrário, depois de uma noite breve, até os mais pequenos gestos parecem pesados e sem utilidade. Como um ladrão, um espírito rebelde invade os pensamentos com intuito de desvalorizar a participação no primeiro tempo de oração.

Somos especialistas em descobrir razões para fazer o que nos convém. Por vezes, travamos os primeiros combates num *intermezzo* matinal: continuar deitado ou levantar-se para orar? Orar ou não orar? Vale a pena investir o nosso tempo neste assunto? Esta é a grande questão que ferve no peito de muitos crentes. Mas a qualidade do dia é determinada pelos primeiros momentos: se assumimos as rédeas dos instantes iniciais, se agimos com entusiasmo e confiança ou, pelo contrário, se nos deixamos arrastar penosamente para um conjunto de atividades que têm de ser cumpridas como se, à semelhança de Sísifo, tivéssemos de repetir rotinas previsíveis.

Na curta viagem encontro com muita frequência algumas pessoas a passear devotamente os seus animais de estimação. Vejo atletas nos exercícios matinais e invejo-lhes a persistência. Por detrás das inúmeras janelas acendem-se luzes e as famílias lançam-se em mil afazeres, como se todos os dias voltassem a renovar um compromisso antigo, em conformidade com um projeto assumido, num dia de festa, com um selo

«até que a morte nos separe». De repente, ouço de novo o conselho do velho monge. Numa voz sussurrada, ele repete, em cada amanhecer, a recomendação sábia e prudente: «Ao ergueres-te após o sono, antes de tudo e em primeiro lugar, que a tua boca dê glória a Deus, entre cânticos e salmos», disse. «Porque a primeira preocupação que ocupar o teu espírito a partir da alba irá continuar a moer dentro dele como uma mó para o resto do dia, seja trigo ou seja joio. Por isso, sê sempre o primeiro a lançar o trigo, antes que o teu inimigo lance o joio».¹

Não há volta a dar. Não vale a pena alimentar este tipo de debates internos. Se cedo à tentação dos lençóis, se justifico a preguiça, sou uma nota dissonante que fere a melodia e atraiçoa a vontade do compositor.

Vencidas as primeiras tentações, atravesso a estrada, entro no espaço comunitário e, minutos depois, já estou na acolhedora capela. Enquanto amanhece, agradeço a oportunidade que cada dia encerra. Recito mentalmente «Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz...», e deixo que o silêncio faça o seu trabalho purificador. Entretanto, instantes depois, com os restantes confrades reunidos, o hebdomadário inicia a oração comunitária com a invocação do Salmo

¹ *Ditos e feitos dos Padres do Deserto*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003, p. 33.

50 (51): «Abri, Senhor, os meus lábios». «E a minha boca anunciará os vossos louvores», respondemos.

A capela é pequena. As vozes ressoam pelo prédio. Penso nos vizinhos. Deve ser estranho ouvir-nos quando estão ainda deitados. E as palavras, sempre novas e frescas, dão o mote para uma prece silenciosa: Senhor abre o meu coração à tua graça santificante. Ao longo destes anos, já repeti milhares de vezes estes textos, mas só muito raramente vislumbro o sentido mais profundo de cada verso. Por vezes rezo como uma velha máquina de escrever. Abre os meus olhos para que aceda à verdade escondida na linguagem deste tempo. Abre uma brecha na rigidez da minha personalidade e que eu seja capaz de levar a bom termo o projeto que tu, em cada manhã, pedes que realize. Faz-me percorrer os sinuosos caminhos superando a bruma de cada dia, para que, cada vez mais próximo de ti, reconheça o teu querido rosto.

Talvez a prática constante da oração seja o maior desafio que um crente enfrenta na atualidade. Recentemente um amigo dizia-me que orar é um tabu sobre o qual não falamos, que pouco praticamos e, quando o fazemos, somos motivados por razões extraordinárias e fins poucos cristãos. Este défice de oração – se entendemos genericamente a oração como capacidade para estar numa relação com o Criador –, aliado a vidas apressadas, a rotinas enfadonhas, a preocupações

constantes, provoca desequilíbrios. É impossível calar uma inquietação interior, persistente e insinuante, com fármacos de última geração. Sem a relação com aquele que nos chama «desde o ventre materno» (*Jr* 1, 5), somos ora habitados pelo vazio, ora incomodados pelo desassossego das perguntas suspensas.

Não é fácil sair do emaranhado complexo de um sistema que nos impede de *estar com*. Todos nós sabemos que os avanços tecnológicos mais recentes multiplicaram as redes suscitando a interação entre sujeitos de mundos diferentes, potenciaram reencontros inesperados de amigos quase esquecidos, porém, em simultâneo, fomentaram o fosso entre irmãos. Frequentemente, as primeiras vítimas são os mais próximos, dispensados da presença de alguém que encontrou na rede uma alternativa de relação.

Na relação com Deus sucede algo muito semelhante. «Deus tem sido um assunto sempre adiado», dizem-me. Ele afigura-se como um elemento de recurso, por vezes associado a ritos supersticiosos, um tópico de uma estratégia para superar a fase aguda de uma crise.

Algumas pessoas espiritualmente mais dotadas, no entanto, contrariam esta tendência. São capazes de romper com a malha que as aperta e, por isso, satisfazem a ânsia de Deus nas páginas de um livro, no silêncio de uma igreja, na palavra ousada de algum pastor, na

melodia de uma sinfonia ou mesmo na contemplação da natureza. Conheço pessoas verdadeiramente boas que, insatisfeitas com o pacote superficial oferecido por uma tradição que tende a permanecer na crosta da repetição mecânica de certos rituais incompreensíveis, procuraram algo novo, com outra tonalidade, e nas pequenas descobertas vislumbraram sentidos que dão sentido. Desde então, mudaram radicalmente. Agora falam como quem descobriu o caminho secreto que dá acesso à vida eterna.

É louvável a atitude daqueles que fazem da vida um constante exercício na procura de Deus. É admirável a honestidade e a dedicação no trabalho de ir mais longe. É pena, no entanto, que a Igreja seja percebida como uma instituição caduca e o cheiro a mofo de algumas estruturas seja sinal de decomposição de um velho e enfraquecido corpo, incapaz de dar respostas às inquietações mais profundas do coração humano.

Esta visão preconceituosa ou, pelo menos, muito limitada, reforçada por alguns meios de comunicação social e pela cultura circundante, entrava a participação dos muitos peregrinos no gozo dos tesouros espirituais próprios de uma organização milenar. A Igreja alberga um património riquíssimo, transmitido de geração em geração, formado por mulheres e homens de todos os lugares, constituído por princípios, doutrinas e metodologias já muito testadas. Não é raro ouvirmos dizer, em contextos

mais informais – o que raramente acontece exceto se uma pessoa abertamente religiosa estiver por perto –, que não há tempo para as coisas de Deus quando, simultaneamente, se consomem avidamente algumas divinas migalhas oferecidas por matrizes religiosas importadas de outras tradições.

Em si, não há mal em aprofundar os conhecimentos de outras realidades, sobretudo se o fizermos com sentido crítico, consciência e liberdade de espírito. Acreditamos que a aventura humana de todos os tempos diz respeito à incessante busca do rosto misericordioso de Deus, um Deus que nos ensina a amar e a praticar o bem. Esse Deus manifestou-Se em definitivo na pessoa de Jesus Cristo e é na Igreja que a aventura da relação com Ele tem início, cresce e dá frutos. Se «tu conheceses o dom de Deus», disse o Mestre da Galileia à samaritana, numa tarde quente de verão, «tu é que Lhe pedirias água» (*Jó* 4, 5-14). Esta límpida água é-nos oferecida gratuita e generosamente, sempre que a desejamos beber.

O presente texto nasceu da proposta do Instituto Diocesano de Formação Cristã de Lisboa. Pretende ser um contributo para aqueles que desejam ir mais longe na caminhada espiritual, assumindo a oração como meio necessário e indispensável. Não é um tratado original, mas a sistematização de informação considerada importante para o fim a que se propõe. Nele procuramos

responder a perguntas como o que é a oração? Como é que podemos orar? Quais as formas e as expressões da oração? Porque é que na tradição da Igreja ela é tão importante, comparável à respiração? Não podemos viver sem respirar, não podemos ter vida espiritual sem orar.

A presente proposta constitui apenas uma introdução, uma vez que só se aprende a orar quando se pratica. Como referiu São João Paulo II, é necessário um cristianismo que se destaque principalmente pela arte da oração.² Neste sentido, a promoção de iniciativas, como a que foi desenvolvida pelo Instituto Diocesano e a multiplicação de lugares de oração, revela-se como um passo decisivo para a vitalidade da Igreja. Animados pela experiência da relação com Deus, podemos como Igreja abraçar os desafios do quotidiano com confiança e serenidade.

Resta-me agradecer. O texto que se segue não teria sido possível se eu não tivesse nascido num contexto familiar orante. Como muitos crentes, aprendi a balbuciar as antigas fórmulas numa etapa primordial impossível de datar. Dou graças a Deus pelos pais, meus mestres de oração. Dou graças a Deus pela comunidade paroquial, na Madeira, onde cresci e recebi os sacramentos

² SÃO JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, 2001, n. 32.

de iniciação cristã. As memórias de infância estão pejudadas de imagens do ambiente das celebrações litúrgicas que congregavam um povo simples e fervoroso, num clima de festa em torno do sagrado, o que despertou em mim o gosto pelo mistério de Deus, que a todos sustenta. Dou graças a Deus pela Congregação da Missão que diariamente me ajuda a orar e recordo, com especial gratidão, os fiéis da comunidade paroquial de São Tomás de Aquino, em Lisboa, muitos dos quais são exemplos de dedicação e fidelidade na relação com Deus. Por fim, agradeço aos irmãos que me acompanharam neste processo de discernimento e redação do presente texto. Ao Paulo Paiva por ter feito a proposta aparentemente simples de “gravar umas sessões” sobre o tema da oração; à Suzana Ferreira e à Inês Espada Vieira pelas sugestões e revisão de texto.